



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
À SUA SANTIDADE MAR AWA III,
CATHOLICOS-PATRIARCA DA IGREJA ASSÍRIA DO ORIENTE**

Sábado, 9 de novembro de 2024

[Multimídia]

«O Senhor dos séculos [...] ultimamente começou a infundir de modo mais abundante nos cristãos separados entre si a compunção de coração e o desejo de união» (Decr. [*Unitatis redintegratio*](#), 1). Vem-me à mente o que dizia o grande Zizioulas, homem de Deus: “Sei qual é a data da união, sei”. Qual é? “O dia depois do juízo final”. Antes não haverá união, entretanto devemos caminhar juntos, rezar juntos e trabalhar juntos. É o que fazemos agora. São João Paulo II recebeu Sua Santidade Mar Dinkha IV, por ocasião do primeiro encontro oficial entre um Bispo de Roma e um Catholicos Patriarca da Igreja Assíria do Oriente, há quarenta anos, como Vossa Santidade acaba de recordar. Estas palavras foram tiradas do Decreto sobre o Ecumenismo, do Concílio Vaticano II, [*Unitatis redintegratio*](#), cujo 60º aniversário a Igreja católica celebra este mês. Passo a passo, lentamente.

Foi o “desejo de unidade”, mencionado várias vezes no Decreto (cf. [*UR*](#), 7), que levou os nossos predecessores a encontrar-se. Este “*desiderium unitatis*”, segundo a bonita expressão de São João Cassiano (*Collationes*, 23, 5), é uma graça que inspirou o movimento do ecumenismo desde as suas origens e que devemos cultivar constantemente. Suscitado pelo Espírito Santo, consiste no desejo ardente do próprio Cristo, expresso na vigília da sua Paixão, para que «todos sejam um só» (*Jo* 17, 21).

Santidade, amado Irmão, é precisamente este mesmo “desejo de unidade” que nos anima hoje, quando comemoramos o 30º aniversário da *Declaração cristológica conjunta* entre as nossas Igrejas, que pôs fim a 1500 anos de controvérsias doutrinárias relativas ao Concílio de Éfeso. Esta Declaração histórica reconheceu a legitimidade e a exatidão das várias expressões da nossa fé

cristológica comum, tal como foram formuladas pelos Padres no Credo niceno. Esta abordagem “hermenêutica” foi possível graças a um princípio fundamental afirmado pelo Decreto conciliar, ou seja, que a mesma fé, transmitida pelos Apóstolos, se exprimia e era acolhida de diferentes formas e modos, segundo as várias condições de vida (cf. *Unitatis redintegratio*, 14). E este era um princípio importante.

Foi exatamente a Declaração cristológica conjunta que anunciou a criação de uma *Comissão mista para o diálogo teológico* entre as nossas Igrejas, que produziu resultados notáveis até a nível pastoral. Gostaria de mencionar, em particular, o acordo de 2001 sobre a *Anáfora dos apóstolos Addai e Mari*, que permitiu aos respetivos fiéis uma certa *communicatio in sacris* em determinadas circunstâncias; e em 2017 uma *Declaração conjunta sobre a “vida sacramental”*. Mais recentemente, há dois anos, um documento sobre *As imagens da Igreja nas tradições síria e latina* lançou as bases para um entendimento comum da constituição da Igreja.

Portanto, hoje tenho a ocasião de agradecer a todos vós, teólogos membros da Comissão mista, o vosso esforço. Com efeito, sem o vosso trabalho, estes acordos doutrinais e pastorais não teriam sido possíveis. Regozijo-me com a publicação de um livro comemorativo, com os vários documentos que marcam as etapas do nosso caminho rumo à plena comunhão, com prefácio comum de Vossa Santidade e meu. Sim, o diálogo teológico é indispensável no nosso caminho rumo à unidade, pois a unidade que desejamos é a unidade na fé, contanto que o diálogo da verdade nunca seja separado do diálogo da caridade e do diálogo da vida: um diálogo humano e total!

Esta unidade na fé já foi alcançada pelos santos das nossas Igrejas. São os nossos melhores guias no caminho rumo à plena comunhão. Por isso, com o acordo de Vossa Santidade e do Patriarca da Igreja caldeia, e encorajado também pelo recente Sínodo da Igreja católica sobre a sinodalidade, que recordou que o exemplo dos santos das outras Igrejas é «um dom que podemos receber, incluindo a sua memória no nosso calendário litúrgico» (*Documento final*, n. 122), tenho o prazer de anunciar que o grande Isaac de Nínive, um dos Padres mais venerados da tradição sírio-oriental, reconhecido como mestre e santo por todas as tradições, será introduzido no *Martirologio Romano*.

Pela intercessão de Santo Isaac de Nínive, unida à da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Cristo Salvador, possam os cristãos do Médio Oriente dar sempre testemunho de Cristo Ressuscitado naquelas terras assoladas pela guerra. E que a amizade entre as nossas Igrejas continue a florescer, até ao dia abençoado em que poderemos celebrar juntos no mesmo altar e receber a comunhão do mesmo Corpo e Sangue do Salvador, «para que o mundo creia» (*Jo 17, 21*)!

Obrigado, Santidade! Continuemos a caminhar juntos, a rezar juntos e a trabalhar juntos, e avancemos por este caminho rumo à plena unidade. E obrigado a todos vós por esta visita.

Permaneçamos unidos na oração recíproca!

E agora convido-vos a recitar juntos a oração que o Senhor Jesus nos ensinou, o *Pai-Nosso*.
Cada qual reze de acordo com a própria tradição e língua, a meia-voz!

L'Osservatore Romano, Edição semanal em português, Ano LV, número 46, quinta-feira 14 de novembro de 2024, p. 9.